

CONHECIMENTO E AFETIVIDADE EM ESPINOSA

Adriano Pereira da Silva¹

¹Departamento de Ciências Humanas, Faculdades Integradas Regionais de Avaré, Fundação Regional Educacional de Avaré, Avaré, São Paulo, Brasil; *E-mail: dripesil@yahoo.com.br

Resumo – O presente artigo procura investigar a teoria do conhecimento espinosana e a força afetiva no processo de construção das ideias verdadeiras e adequadas. Nosso objetivo é analisar o conhecimento é um poderoso afeto segundo Espinosa. A razão torna-se afetiva quando se transforma em causa adequada de si mesma. No que concerne à distinção ação *versus* paixão, de acordo com a terminologia espinosana, pode-se dizer que somos ativos quando somos causa adequada daquilo que se passa em nós ou, em outras palavras, quando somos determinados a isto ou aquilo por um movimento interno e não afetados pelo exterior. Por isso, a teoria do conhecimento de Espinosa parte da plena convicção de que existe o Ser e a verdade, e somos capazes de conhecê-los. Segundo ele, a verdade existe e não é produzida por nós, ou seja, é preciso somente buscar um caminho seguro para descobri-la, e o critério que permite esta segurança é distinguir as ideias verdadeiras (adequadas) das falsas (inadequadas) voltando-se para si mesmo e fazendo uma reflexão sobre as próprias ideias. Assim, para Espinosa, há somente três tipos de ideias: 1) as ideias afecções (*affectio*); 2) as ideias noções e 3) as ideias essências. Cada uma correspondendo aos três gêneros de conhecimento: primeiro, segundo e terceiro gêneros na obra *Ética*.

Palavras-chave: Conhecimento, razão, afetividade, ideias.

Abstract - The present paper investigates Espinosa's knowledge theory and the power of affection in the process of construction of accurate and appropriate ideas. Our goal is to analyze the knowledge with a powerful affection, for Espinosa. The reason becomes affective when it becomes the adequate cause of itself. Regarding the distinction between action versus passion, according Espinosa's terminology, we can say that we are active when we are the adequate cause of what is happening inside of us, or in other words, when we are determined to this or that by an

internal movement and not affected by the outside. Therefore, Espinosa's knowledge theory comes from the entire belief that there is the Being and the truth, and we are able to know them. According to him, the truth exists and is not produced by us, i.e., we just need to look for a safe way to discover it, and the criterion that allows this security is to distinguish true ideas (appropriate) from false (inadequate) turning to yourself and pondering on your own ideas. Thus, for Espinosa, there are only three types of ideas: 1) sickly ideas (*affectio*), 2) notion ideas and 3) essence ideas. Each one corresponding to the three kinds of knowledge: first, second and third genders in the ethics work.

Keywords: knowledge, reason, affection, ideas

I. INTRODUÇÃO

O filósofo Baruc Espinosa tem sido muito estudado ao longo da história do pensamento devido à profundidade de suas ideias. Dentre os vários temas discutidos pelo filósofo, a reflexão realizada por ele sobre a questão do conhecimento desperta-nos um enorme interesse. Uma leitura atenta da obra *Ética* chama a atenção para a diferenciação que Espinosa faz sobre o processo do conhecimento e suas respectivas vias de acesso à verdade.

O problema que chama bastante atenção para uma pesquisa centra-se na proposição XLII da *Ética* II “O Conhecimento do Segundo e do Terceiro Gêneros e não do Primeiro ensina-nos a discernir o Verdadeiro do Falso” (1973, p. 125). Tal proposição suscita-nos vários questionamentos: Que gêneros são estes de conhecimento? Como Espinosa os diferencia? Por que somente o segundo e o terceiro gêneros podem conduzir à verdade e não o primeiro? Embora a fortuna crítica em torno da obra de Espinosa seja vasta, é possível constatar poucas referências sobre sua teoria do conhecimento.

A teoria do conhecimento de Espinosa parte da plena convicção de que existe o Ser e a verdade e somos capazes de conhecê-los. Segundo ele, a verdade existe e não é produzida por nós, isto é, é preciso somente buscar um caminho fácil e seguro para descobri-la. Espinosa conheceu o procedimento cartesiano da dúvida metódica para se chegar à verdade das coisas, porém, não o utilizou para nada, pois, na sua concepção o critério que permite distinguir as ideias verdadeiras (adequadas) das falsas (inadequadas) é voltar-se para si mesmo e fazer uma reflexão sobre as próprias ideias, isto é, voltar-se para si mesmo excluindo toda a apreensão da coisa pensante por si mesma, excluindo toda possibilidade do cogito.

Para Espinosa só conheço a mim mesmo pela ação de um outro corpo sobre o meu, pois o conhecimento possui uma espontaneidade interna na qual nossa mente age por si mesma, segundo a necessidade das conexões entre suas ideias. E tais idéias

“... sendo acontecimentos mentais podem ser inadequadas, enquanto simples tradução das afecções do nosso corpo, ou adequadas, enquanto atividade interna da nossa mente para compreender a gênese das afecções corporais, as relações necessárias entre os corpos e a gênese das próprias ideias e suas conexões necessárias” (CHAUI, M., 1999).

O método espinosano consiste em buscar ordenadamente a verdade, isto é, a essência objetiva das coisas, pois assim, chegaremos ao conhecimento reflexivo, intuitivo das coisas, ou seja, chegaremos a ideia da ideia, à gênese, à origem da própria idéia. Ademais, a ideia para Espinosa é um modo de pensamento que representa algo; é um modo de pensamento representativo. Esse aspecto da ideia é conhecido por realidade objetiva, ou seja, é a relação da ideia com o objeto que representa. Todavia, a ideia não tem somente uma realidade objetiva, ela também tem uma realidade formal. A realidade formal da idéia é a idéia enquanto ela é em si mesma algo.

Para Espinosa cada ideia tem, como tal, um certo grau de realidade e perfeição. Esse

grau de realidade e perfeição está ligado ao objeto representado, porém não se confunde com ele. O grau de realidade e perfeição que a idéia possui em si é seu caráter intrínseco. E a realidade objetiva é seu caráter extrínseco.

Assim, à medida que as ideias se sucedem em nós, cada uma tem seu grau de perfeição, seu grau de realidade ou de perfeição intrínseca e há uma contínua passagem de um grau de perfeição a outro. Tais graus de perfeição se referem aos afetos. Em outras palavras, o que se tem é uma variação contínua sob a forma de aumento – diminuição – aumento – diminuição da potência de atuar ou da força de existir de acordo com as ideias que se tem. Por isso, para Espinosa, há somente três tipos de ideias: 1) as ideias afecções (affectio); 2) as ideias noções e 3) as ideias essências. Cada uma correspondendo aos três gêneros de conhecimento: primeiro, segundo e terceiro que, também, são modos de existência.

Por esta razão, Lívio Teixeira (2001, p. 94), sugere que analisemos a *Ética* para compreendermos com maior clareza por que e em que sentido o problema dos afetos é um problema de conhecimento. Para tanto é necessário determo-nos nas definições da Parte III da obra, pois nelas encontraremos elementos essenciais que nos permitirá observar a possível relação entre razão e afetividade. Vejamos o que diz Espinosa na definição 3:

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão. (E III, 3).

Depreende-se dessa definição que os afetos pertencem tanto ao corpo quanto a alma, ou seja, tanto as afecções que alteram a potência de agir do corpo, quanto às ideias destas afecções que alteram a potência de agir da alma, isto é, sua potência de pensar são afetos. Por isso, de acordo com essa definição, é possível

perceber que Espinosa revela ser um afeto uma afecção que pode variar de forma positiva ou negativa a potência de agir do sujeito. Quando a variação da potência de agir é positiva, isto é, quando aumenta a potência de agir, ela é chamada de alegria; por outro lado, quando diminui a potência de agir, ou seja, quando é negativa, ela é chamada de tristeza. Por esta razão, podemos perceber que os afetos, para Espinosa, não são resultado de uma comparação intelectual entre o estado inicial ou final deste afeto, mas é resultado de uma experiência vivida de uma transição, ou seja, do aumento ou diminuição de nossa vitalidade

II. OBJETIVOS

Geral:

- Estudar a teoria do conhecimento de Espinosa presente nas obras *Tratado da Reforma da Inteligência e Ética: demonstrada à maneira dos geômetras*, para analisar a abordagem feita sobre as idéias de Espinosa no que diz respeito às considerações que o filósofo faz sobre a relação entre conhecimento e afetividade.

Específicos:

- Analisar os três gêneros de conhecimento, segundo a teoria espinosana, e demonstrar que o terceiro gênero de conhecimento (a intuição) por ser uma importante via de acesso à verdade está intrinsecamente relacionado aos afetos.
- Refletir sobre a importância dos afetos no processo cognoscitivo e tentar desconstruir o preconceito em torno aos afetos como algo negativo que gera a falsidade. Revelar, assim, que os afetos são instrumentos positivos que, também, podem levar à verdade.

III. METODOLOGIA

Nossa base material para investigação compreende além de duas das obras principais de Espinosa (*Tratado da Reforma da Inteligência e Ética*) cerca de alguns manuais de comentadores que são usados como livros de referência na abordagem das teorias do conhecimento e da afetividade de Espinosa. (ver referências bibliográficas).

O desenvolvimento da pesquisa transcorreu mediante leituras e estudos dos textos de Espinosa, mais precisamente as duas obras aqui citadas, bem como a análise de alguns comentadores do pensamento espinosano. Entretanto, demos uma ênfase maior para a averiguação da abordagem da teoria do conhecimento e da afetividade mais presentes na *Ética*. Para tal, foi elaborada uma revisão bibliográfica por meio de fichas, resenhas e resumos dos referidos livros possibilitando uma melhor agilidade e objetividade desta pesquisa.

Ressaltamos, ainda, que nossa pesquisa consiste em um trabalho de natureza teórica, mas ao mesmo tempo de natureza prática, pois o leitor pode refletir e aplicar os conceitos espinosanos na sua conduta ética. No entanto, a pesquisa bibliográfica constituiu a base da sistematização, interpretação e resultados deste nosso trabalho.

IV. DESENVOLVIMENTO

4.1- *Dos gêneros do conhecimento.*

Segundo Cristiano Rezende¹ (2004, p. 65) o conhecimento do primeiro gênero é o da percepção sensível e o da imaginação. É um conhecimento imperfeito, confuso, inadequado, fonte de erros e falsidade. Tem mais de passivo que ativo e não passa de opinião. Provém das impressões que um corpo recebe de outros corpos.

Não conhecemos diretamente os corpos exteriores, somente percebemos as transformações que causam em nosso corpo.

¹ Cristiano Novaes de Rezende é docente da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia.

Conhecemos sua existência, porém, não podemos conhecer sua natureza nem sua essência de maneira adequada.

Neste conhecimento as ideias são elaboradas pela imaginação. Não são mais que o resultado de uma repetição de sensações semelhantes procedentes dos corpos, das quais se confundem numa imagem ou representação composta, geral e confusa das coisas. Assim, se formam as ideias de homem, cachorro, cavalo etc.

Estas ideias carecem de rigor científico e variam de uns indivíduos a outros, pois cada um forma essas imagens a sua maneira. Mas, conservam alguma semelhança, pois, os corpos humanos são semelhantes. São ideias falsas, mutiladas, confusas, ou seja, são ideias inadequadas.

Para Espinosa, a falsidade não tem sentido positivo e sim negativo, pois essas ideias são verdadeiras enquanto suas funções não representam os objetos exteriores, mas sim, representam as afecções ou modificações que causam em nós. E essas afecções as representam fielmente.

Segundo Marilena Chauí (1999) a afecção corpórea ou imagem e a idéia inadequada inscrevem-se num sistema de relações imediatas entre os corpos. Todavia, se diferenciam, pois a afecção enraíza-se na natureza de nosso corpo, enquanto a idéia inadequada, nascida na mente, que opera com nexos de ideias, tende a ligar-se a outras, variando-se. Pretende, dessa forma, com dados mutilados e vagos oferecer explicações totalizantes da realidade e não conseguem. São ideias falsas e inadequadas não pelo que tem de positivo, o qual é verdadeiro, mas pelo que lhes falta, pelo que tem de negativo ou de defeito.

Para torná-las verdadeiras basta completá-las sendo necessário para isso passar ao segundo gênero de conhecimento que rompe o isolamento do indivíduo confinado em seus sentimentos particulares, fazendo-lhe entrar na relação com os demais seres do universo, dando-lhe uma visão ampla e total da natureza. No campo moral o homem no primeiro gênero de conhecimento se encontra em estado de escravidão, pois é escravo das paixões e é preciso libertar-se delas.

Para Rezende (2004, p. 66) o primeiro gênero de conhecimento, portanto, é uma experiência onde se encontram ideias confusas de misturas entre os corpos e enquanto não separamos o poder de ser afetado por um corpo e não aprendemos a sair do acaso dos encontros, não teremos sabedoria.

Há, portanto, uma “seleção” dos afetos e das ideias que eles dependem, pois, devem liberar alegrias: aumento de potência; e repelir tristezas: diminuição de potência. Os afetos de alegria, por sua vez, continuam sendo paixões e as ideias que eles supõem permanecem inadequadas. Porém, não deixam de ser os precursores das noções.

A ideia noção apresenta uma espécie de saída do primeiro gênero de conhecimento. Uma ideia noção não se refere aos efeitos produzidos numa mescla de corpos. É uma ideia que se refere ao que convêm e ao que não convêm nas relações entre os corpos. Ela representa a conveniência e a inconveniência interna das relações características dos corpos. A idéia noção eleva-se a compreensão da causa e o conhecimento, para Espinosa, é o conhecimento da causa.

Por conseguinte, segundo Rezende (2004, p. 67) o conhecimento do segundo gênero é um conhecimento discursivo, necessário, certo, verdadeiro e adequado ainda que não de todo perfeito. Neste gênero de conhecimento passamos das ideias confusas às ideias claras e distintas, das ideias mutiladas, incompletas e inadequadas às ideias adequadas.

A razão, neste sentido, supre as deficiências das afecções. Elas ultrapassam os limites do indivíduo e se estende ao que tem de comum em todos os seres do universo. Das ideias elaboradas pela imaginação e sem relação entre si, passamos às noções-comuns, que a razão descobre na mesma realidade e fazem relações verdadeiras.

Por isso, para Rezende (2004, p. 67), a noção comum é a ideia de algo que é comum a todos os corpos, dois ao menos, e que é comum ao todo e a parte, isso significa estar em movimento e repouso, as afecções são próprias e particulares de cada corpo. Porém, todos os corpos convergem em algo, em uma realidade comum, uma noção-comum, como por exemplo, a extensão, a qual está tanto na parte quanto no

todo e não é própria de nenhuma essência singular. Portanto, na mente de Deus existe a idéia adequada de extensão. As ideias de extensão e movimento são noções-comuns, isto é, claras e adequadas. O conhecimento baseado em ideias adequadas é necessariamente verdadeiro. Sua verdade não consiste numa denominação extrínseca, nem numa relação com o objeto representado, mas é uma propriedade inerente à ideia mesma, por isso clara e indubitável.

Já a ciência intuitiva, ou seja, o terceiro gênero e conhecimento é o grau mais elevado de conhecimento. Somente é possível alcançá-lo depois que a razão se desenvolveu sobre as afecções. O segundo gênero de conhecimento chegava a Deus através dos seres particulares, ou melhor, contempla a Deus nos seres particulares. O terceiro gênero é um conhecimento perfeito e adequado, pois se remonta à Causa Primeira, a qual conhece todas as coisas sob o aspecto de eternidade. O Deus espinosano deve ser interpretado no sentido de enriquecimento de nossas ideias adequadas.

Assim, de acordo com Rezende (2004, p.68) o terceiro gênero de conhecimento é o processo que consiste em ver todos os seres particulares em Deus, contemplando a totalidade do Ser Único em todas as variedades de seus atributos e modos. Diferentemente do segundo, o terceiro gênero de conhecimento é repouso, quietude e descanso na contemplação da ideia de Deus, em que se vêem todas as riquezas de seus atributos infinitos, de suas infinitas determinações e de todo o grandioso desdobramento da unidade divina nos seus atributos e modos. É a contemplação de Deus e de todas as coisas em Deus. É o que chamamos de beatitude. No terceiro, porém, Deus é a substância única. Deus é tudo e tudo é Deus. Tudo está em Deus e Deus em todas as coisas.

A mente humana é capaz de conhecer adequadamente a essência infinita e eterna de Deus, pois quanto mais entendermos as coisas singulares tanto mais entendemos a Deus. Conhecendo a natureza conhecemos também a Deus, pois a natureza é Deus.

Sendo assim, o conhecimento do segundo e do terceiro gêneros nos permite distinguir o verdadeiro do falso, porque somente ele tira a ideia do seu isolamento ligando-a com

as outras ideias situando-a na ordem necessária da Substância Divina. Portanto, não se pode verificar o conhecimento pleno do efeito sem conhecer a causa. Para conhecermos bem uma coisa é preciso que conheçamos sua causa, pois aí está o princípio intrínseco e imediato de inteligibilidade. Desse modo, podemos apreciar que a verdade é índice de si mesma e da falsidade, porque em si mesma encontramos a gênese, a origem e a causa necessária do objeto conhecido. Consequentemente, considerar as ideias na sua verdade significa considerar as coisas como necessárias, ou seja, como necessária manifestação de Deus.

4.2- A razão e os afetos.

A História do pensamento ocidental revela que o homem, ao longo dos anos, valorizou em demasia o pensamento lógico-racional em detrimento da força dos afetos no processo epistemológico. Talvez um dos erros da posição socrático-platônica fosse o de depositar a força do conhecimento verdadeiro apenas no que ele tem de lógico e racional, desconsiderando a sua carga *afetiva*. Assim, se ele é fraco e não vence um desejo, é porque não é verdadeiro, tratando-se apenas de mera crença.²

Lívio Teixeira (2001, p. 94), nesse sentido; considera, em seus estudos sobre as paixões, que tudo o que a psicologia moderna estuda “sobre *afetividade*”, Espinosa encontra a origem em algum tipo de conhecimento. Diz ele:

“Os diversos modos de conhecimento, os três modos de percepção acima estudados, são as *causas próximas* de *todos* os afetos. Não se pode conceber a alma impelida a nenhum movimento afetivo, a nenhum modo de *querer*, a não ser em consequência do conhecimento de alguma coisa” (TEIXEIRA, 2001. p. 94)

Por isso Teixeira (2001) sugere que analisemos a *Ética* para compreendermos com maior clareza por que e em que sentido o

2Cf. DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. pp. 33-35.

problema dos afetos é um problema de conhecimento. Para tanto é necessário determinarmos nas definições da Parte III da obra, pois nelas encontraremos elementos essenciais que nos permitirá observar a possível relação entre razão e afetividade. Vejamos o que diz Espinosa na definição 3:

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão. (E III, 3)

Depreende-se dessa definição que os afetos pertencem tanto ao corpo quanto a alma, ou seja, tanto as afecções que alteram a potência de agir do corpo, quanto às ideias destas afecções que alteram a potência de agir da alma, isto é, sua potência de pensar são afetos. Por isso, de acordo com essa definição, é possível perceber que Espinosa revela ser um afeto uma afecção que pode variar de forma positiva ou negativa a potência de agir do sujeito. Quando a variação da potência de agir é positiva, isto é, quando aumenta a potência de agir, ela é chamada de alegria; por outro lado, quando diminui a potência de agir, ou seja, quando é negativa, ela é chamada de tristeza. Por esta razão, podemos perceber que os afetos, para Espinosa, não são resultado de uma comparação intelectual entre o estado inicial ou final deste afeto, mas é resultado de uma experiência vivida de uma transição, ou seja, do aumento ou diminuição de nossa vitalidade.³

Podemos observar também que esta definição fala dos afetos ativos e passivos, revelando que a vida afetiva não se esgota na vida passional. Não obstante, para explicar melhor esta ideia dos afetos passivos e ativos, Espinosa falará mais adiante na proposição 3 da Parte III que: “as ações da mente provêm

exclusivamente das ideias adequadas, enquanto as paixões dependem exclusivamente das ideias inadequadas”. Por isso, quando a mente produz ideias, ela pode seguir dois caminhos distintos: um determinado externamente pela relação com os corpos exteriores e no qual as ideias produzidas – isto é, os próprios afetos passivos – são ideias inadequadas porque somos apenas causa parcial delas; outro, internamente determinado pela força própria da mente, e no qual, portanto, as ideias produzidas são adequadas. Este último é propriamente a produção de ideias da mente.

Na *Ética*, sobretudo, Espinosa afirma que uma ideia é um “conceito da mente, que a mente forma por ser coisa pensante” (E II, def. 3). Esta ideia é produzida pela mente enquanto ideia do corpo, e não porque ideia do que se passa no corpo – pois isso seria um afeto do ânimo, ou seja, uma expressão psíquica do que se passa no corpo. Portanto, na ordem do intelecto, as ideias seguem-se na mente segundo a ordem própria da mente enquanto coisa pensante.

Segundo Paula (2009, p. 221-222) a ordem dessas ideias é tão necessária quanto as ideias inadequadas e confusas (E III, 36), mas elas não dependem, ao contrário destas últimas, dos encontros fortuitos dos corpos: seguem uma ordem necessária que é *intrínseca* à própria mente. Quando a mente segue uma tal ordem, ela produz autonomamente suas ideias, isto é, ela é causa adequada das ideias, porque a produção desta dependem só da mente: ela é portanto produção de ideias adequadas.

Nesse sentido, de acordo com Espinosa, uma ideia adequada é aquela que, “enquanto considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações extrínsecas de uma ideia verdadeira” (E II, def. 4). Ou seja, a ideia verdadeira não é verdadeira porque corresponde ao objeto fora dela (o que é apenas uma denominação ou propriedade *extrínseca* da ideia verdadeira), mas por que traz em si mesma o signo de sua verdade. Uma ideia é, portanto, em si mesma uma força de produção de verdades, isto é, de ideias adequadas.

Assim, causa adequada produzindo ideias adequadas e causa inadequada produzindo ideias inadequadas ou atividade e passividade

3 Cf. GLEIZER, M. A. *Espinosa e a afetividade humana*, p. 36.

são resultados da interação de corpos, do encontro dos corpos e das afecções e dos efeitos que eles produzem. Por isso, são chamados de afetos quando variam nossa potência de atuar no mundo. São ativos se as causas forem explicadas por nossa própria natureza e são passivos se forem explicados por causas exteriores.

Segundo Gleizer (2005, p. 38), Espinosa demonstrará que a alma passiva é aquela que produz efeitos inadequados por meio de ideias inadequadas, e a alma ativa é a que produz efeitos adequados de ideias adequadas. Em outras palavras, Espinosa demonstrará que a passividade mental – tanto cognitiva quanto afetiva – dependerá de ideias da imaginação; por sua vez, a atividade mental estará ligada às ideias do intelecto. Com efeito, Espinosa propõe uma outra definição de afeto que se encontra na *Definição geral de afetos* no final da Parte III da *Ética*. Vejamos:

Afeto, que se diz paixão [*pathema*] do ânimo, é a ideia confusa pela qual a Mente afirma de seu Corpo ou de alguma de suas partes uma força de existir maior ou menor do que antes; ideia que, dada, a Mente é determinada a pensar uma coisa antes que a outra (*E III, AD Def. Geral dos Afetos*).

Assim, pela proposição 3 da Parte III, ficamos sabendo que “as paixões dependem apenas das ideias inadequadas” e por esta definição geral, agora, percebemos que as paixões envolvem ideias do que se passa em nosso corpo. Nesta definição geral constatamos, também, uma restrição de análise espinosana aos afetos passivos (paixões) somente ao aspecto mental, todavia, tal restrição não pretende negar o aspecto afetivo do corpo, o que seria, deverasmente, contraditório no tocante ao conjunto da obra de Espinosa⁴. A estratégia de explicar os afetos por meio da perspectiva mental revela as intenções de Espinosa de elaborar um projeto ético de encontro autêntico e libertador com a beatitude, uma vez que a

4 Cf. GLEIZER, M. A. *Espinosa e a afetividade humana*, p. 34.

reforma da mente, da inteligência é o caminho que pode conduzir o homem a este encontro.

Por isso, segundo Gleizer (2005, p. 38) pensar a relação entre razão e afetividade não é um absurdo de acordo com a teoria espinosana, pois, segundo o filósofo, a razão é dotada de afetividade, uma vez que os afetos ativos são provenientes de ideias adequadas, isto é, são provenientes do exercício adequado (reforma do intelecto) de nossa potência intelectual.

Destarte, a resolução do problema dos afetos é essencialmente um problema de conhecimento, já que o afeto é uma *ideia* do que se passa no corpo. Por esta razão, os elementos da teoria espinosana do conhecimento e dos afetos que evocamos acima ajudam a compreender, porém, que não importa tanto se o conhecimento é verdadeiro (racional) ou se é mera crença (imaginação, paixão); o que de fato importa é o grau de afetividade com que conhecimentos certos ou crenças corretas nos afetam. Ocorre, entretanto, que todo afeto é uma forma de conhecimento e que todo conhecimento é afetivo. Todo problema reside então na qualidade afetiva de nossas ideias. Pois se de fato todo conhecimento é afetivo, ele não é sempre num mesmo sentido.

O homem produz, como já sabemos, conhecimentos-afetos que podem ser *passivos* ou *ativos*. O conhecimento *passivo*, enquanto ideia ou percepção do que ocorre no corpo a partir de suas relações com as coisas exteriores, é uma operação cognitiva da mente que Espinosa chama de *imaginação*. Ora, nesta, o encadeamento das percepções depende primeiramente das relações com os objetos exteriores, sobre os quais temos pouco ou nenhum controle. Assim, nessas relações, o aumento ou a diminuição de nossa potência de agir e pensar – isto é, nossa alegria ou tristeza (*E III, AD 2 e 3*) – encontram-se determinados antes de tudo pelo acaso dos bons ou maus encontros entre o nosso corpo e os corpos exteriores⁵.

5 Escreve Espinosa na passagem do prefácio à Parte IV da *Ética*, p.155: “o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior”.

É por isso que o conhecimento imaginativo é *passivo*, depende do mundo exterior, e *afetivo*, isto é, realiza-se enquanto alegria ou tristeza. Tais conhecimentos-afetos não se baseiam em um puro conteúdo lógico do saber, acompanhado ou não de um desejo, e mediado ou não pela faculdade da vontade. Numa perspectiva espinosana, portanto, o problema dos afetos não é uma falha cognitiva do ato de conhecimento e não é fraqueza da vontade, numa situação de escolha entre possíveis contrários⁶. Ele remete à presença do desejo como essência, responsável pelo desencadeamento da ação⁷. Para Espinosa: “O desejo é a própria essência do homem (pela def. 1 dos afetos), isto é (pela prop. 7 da P. 3), o esforço pelo qual o homem se esforça por perseverar em seu ser” (E IV 18, dem.).

Em concordância com esta posição é possível dizer que o conhecimento intelectual num processo de interação com as paixões só possui a força para moderá-las, porque tem a mesma raiz que elas, a saber, o desejo. Assim, o desejo racional, como todo desejo, é um esforço para fazer o que serve à nossa conservação a partir de ideias dadas, que, no caso, são ideias adequadas e, portanto, verdadeiras. Em outras palavras, na busca racional do que é verdadeiramente útil, o homem compreende o que deseja e deseja porque compreende, de

⁶ Podemos perceber aqui que Espinosa se posiciona de maneira diferente da perspectiva aristotélica sobre o problema da *acrasia*, que na *Ética a Nicômaco* significa *fraqueza da vontade* ou *incontinência*. *Acrasia* pode ser traduzido também por “fraqueza da vontade” ou “fraqueza moral”; tudo se passa como se – *segundo um ponto de vista aristotélico* – o acrático não fosse moralmente forte o suficiente para se conter. Sobre este assunto sugiro a leitura do artigo: PAULA, M. F. *Saber, ação e afeto: o problema da acrasia em Aristóteles e Espinosa*. Cadernos Espinosanos: estudos sobre o século XVII. São Paulo, N.XVI, jan-jun de 2007, p. 61-87 – Disponível em:

HTTP://www.fflch.usp.br/df/espinosanos/16.html.
Acesso em: 19 agosto de 2010.

⁷ Neste ponto, a “teoria da ação” espinosana está de acordo com a aristotélica. Espinosa afasta-se de Aristóteles, contudo, quando este concebe situações em que a ação pode ser determinada pela decisão do sujeito, para além da presença ou não de um desejo.

modo que seu esforço para perseverar no seu ser é muito mais eficaz.

Por isso, Marilena Chauí (2011, p. 246) dirá que a passagem de uma vida de servidão, em que o homem encontra-se sob o poder da fortuna para uma vida de liberdade racional sob o domínio da potência da virtude, pois “conhecer é a virtude suprema da mente” encontrará o ponto de apoio no desejo e não na razão. Assim, mostrar que os afetos são naturais fará o homem perceber que eles possuem causas naturais determinadas numa ordem natural da fortuna e não em universalidades necessárias abstratas. Por isso, Espinosa vai dizer: “O conhecimento verdadeiro do bem e do mal, enquanto verdadeiro, não pode refrear qualquer afeto; poderá refreá-lo apenas enquanto considerado como afeto” (E IV, 14). Por essa proposição fica demonstrado que a razão é fraca diante dos afetos.

De acordo com esta perspectiva Chauí nos coloca o seguinte:

Demonstrada a fraqueza da razão diante dos afetos, a ela só restará tornar-se um afeto também para realizar a travessia da servidão. E esse afeto será o desejo. Travessia difícil, pois a razão precisa encontrar na própria paixão e na servidão o instrumento de um sujeito *alterius júris*, o sujeito *sui júris*, *auctor*/agente de suas ações (2011, p. 246).

Segundo a filósofa o ponto de conexão entre razão e desejo encontra-se na definição 8 da Parte IV, na qual Espinosa fará as relações entre razão e virtude e entre desejo e virtude. Vejamos o que diz tal definição:

Por virtude e potência compreendo a mesma coisa, isto é (pela prop. 7 da P. 3), a virtude enquanto referida ao homem, é sua própria essência ou natureza, à medida que ele tem o poder de realizar coisas que podem ser compreendidas exclusivamente por meio das leis de sua natureza (E IV, def. 8)

Assim, quando o homem torna-se causa adequada de suas ações e ideias a virtude e a potência são a mesma coisa. Para Espinosa de acordo com o escólio da proposição 40 da Parte II, a razão é essência da mente, por isso ela é o *conatus* intelectual quando o esforço de conhecimento se explica exclusivamente pela potência da mente. Desse modo, segundo Chauí (2011, p. 247), tal esforço que a mente faz em usar a razão continuamente para permanecer na existência compreendendo a si mesma, seu corpo e os corpos exteriores consiste no fundamento de virtude, pois usa apenas o esforço de sua necessidade interna. “A razão é, pois, a virtude ou potência da mente, ato de compreensão atual que tem seu fim em si mesmo” (CHAUÍ, 2011, p. 247).

Não obstante, no que se refere ao desejo, de acordo com Chauí (2011), é possível dizer que ele é a própria essência do homem ao ser determinado a agir por uma afecção que nele se encontra; por isso ele pode ser passivo se a afecção for causada por uma força externa e pode ser ativo, se a afecção for de causa interna. Com efeito, é a razão que oferece ao desejo as causas internas sobre o que desejar. Por isso, nos dirá Chauí:

Assim, a razão precisa do desejo para penetrar na vida afetiva – pois só um afeto mais forte e contrário pode destruir um outro afeto – e o desejo precisa da razão para tornar-se virtude da mente, igualando a potência afetiva e a potência intelectual, de sorte que a essência do homem possa ser definida como idêntica a sua potência, seja esta o desejo ou o conhecimento (CHAUÍ, M. 2011, p. 247).

Destarte, a razão oferece uma profunda compreensão da natureza humana para que o desejo saia de sua passividade e servidão perante a fortuna. Compreendendo a natureza humana por si mesma como noção comum, o desejo encontra também em si mesmo a força para não se deixar levar pela fortuna.

Com efeito, para que a potência intelectual possa se desenvolver e tornar-se afetivamente eficaz é necessário que as

condições exteriores sejam favoráveis. Por isso, a geometria da Parte IV da *Ética* fará uma análise do que é útil ou prejudicial nas paixões, observando sua real força. Dessa análise resulta que as paixões alegres, por nascerem da compatibilidade das causas exteriores e nós, aumentam nossa potência de agir e pensar e, por isso, desenvolve a razão. De acordo com a Parte IV, ao analisar uma paixão em seu interior, o homem descobre que a ignorância é um afeto de tristeza e o conhecimento um afeto de alegria.

Para Gleizer: “As paixões alegres são diretamente úteis ao desenvolvimento da potência da razão. As paixões tristes, ao contrário, por resultarem de nosso desacordo com o meio, inibem esse desenvolvimento, sendo, portanto, diretamente prejudiciais” (2005, p. 53). Desse modo, o problema se configura a partir da posição do agente numa dada situação afetiva: não se trata de pôr ou não em prática um certo conhecimento (isso sempre fazemos, posto que estamos sempre no exercício de nosso *conatus* e de nosso desejo), mas de ser ou não levado pelas ideias das afecções exteriores, isto é, pelos afetos passivos, caso no qual não nos conduzimos, mas somos conduzidos pelo poder do acaso.

Mas algo muito diferente ocorre no caso do *conhecimento ativo*. Um conhecimento é *ativo* quando ele é produzido pela só potência do *intelecto*, sendo este, assim, causa adequada (isto é, não parcial) da ideia produzida (*E III*, def. 1 e 2). Com isso, a mente pode encadear, por si mesma, novas ideias. Ela entra num processo de produção causal adequada de ideias, que depende de sua própria potência. Esse aumento da potência de pensar da mente é uma alegria, ou melhor, uma *alegria ativa*. E o convite para o encontro com esse tipo de sentimento fora feito por Espinosa no prólogo do *Tratado da Reforma do Intelecto* a todos aqueles que querem reformar sua inteligência para ter uma vida verdadeiramente livre.

Portanto, na teoria do conhecimento de Espinosa, quando o ato de pensar sobre os bens que envolvem tristeza é ele mesmo percebido como afeto mais forte e contrário à própria situação de contrariedade afetiva, é porque a *potência interna de pensar* é percebida como um tal afeto; e é somente nessa medida – não pelo livre arbítrio de uma vontade absoluta – que ela

pode vencer os afetos contrários à nossa essência. Trata-se aí de um primeiro momento do gozo da razão como afeto de alegria, experiência do pensamento que é também a entrada definitiva do homem que reflete e medita no universo da filosofia.

4.3- O conhecimento dos afetos: a transformação dos afetos passivos em ativos.

Segundo Sévérac (2009, p. 17) a filosofia de Espinosa no tocante à afetividade humana tenta analisá-la como um produto do conhecimento racional e, sobretudo, é uma filosofia que defende um projeto de aperfeiçoamento ético através de afetos que libertem, efetivamente, o homem de qualquer obediência moral cega. Ademais, é um projeto de uma ética que visa propor um conhecimento afetivo que torne o homem feliz e livre.

Assim, os afetos humanos, de acordo com o prefácio da *E III*, são aqueles que necessariamente precisam ser conhecidos, pois são eles que explicam o comportamento dos homens no dia a dia. Por isso, para Sévérac (2009, p. 17) o percurso ético é necessariamente um percurso do conhecimento que busca transformar a afetividade humana no suporte autêntico de uma vida verdadeira e feliz. Para chegar a essa condição é fundamental, em concordância com a Parte V, desenvolver a potência do intelecto humano como uma potência afetiva, pois o que salvará o homem não é, apenas, o conhecimento do que nos livrará dos maus afetos; mas, sobretudo, é o conhecimento de uma afetividade que nos permitirá gozar da suprema felicidade.⁸ Por isso, a proposição V 1 nos permitirá começar a compreender qual é, enfim, o poder que a mente pode ter frente aos afetos, a saber: “É exatamente da mesma maneira que se ordenam e se concatenam os pensamentos e as ideias das coisas na mente que também se ordenam e se concatenam às afecções do corpo, ou seja, às imagens das coisas no corpo” (*E V*, 1).

Tal proposição relata a passagem da passividade à atividade, das tristezas às alegrias objetivando a suprema beatitude. A proposição revela ainda que o homem sai de uma situação

8 Cf. SÉVÉRAC. P. *Conhecimento e afetividade em Spinoza*, p. 18.

de submissão da força das coisas externas para uma situação em que ele é capaz de reordenar internamente sua vida afetiva. Segundo Paula (2009, p. 258), na primeira situação, as ideias na mente seguem a ordem das afecções do corpo, como o demonstrara as proposições 17 e 18 da Parte II da *Ética*, ao deduzirem, respectivamente, a imaginação e a memória humana.⁹ De acordo com esta primeira situação, as ideias se ordenam conforme as afecções dos corpos: é ordem própria da imaginação e da memória, marcas registradas da vida passional.

Já na proposição V,1 é possível perceber que as afecções do corpo ou imagens das coisas no corpo seguem uma ordem inversa, ou seja, seguem a ordem do pensamento e das ideias na mente, assim como “se ordenam e se concatenam o pensamento e as ideias das coisas na mente”, as afecções do corpo vão seguir também essa ordem à risca. Portanto, podemos dizer, junto com Espinosa, que a ordem das ideias na mente segue a ordem das afecções corporais; e, por outro lado, a ordem das afecções corporais segue a ordem dos pensamentos e ideias das coisas na mente.¹⁰

Nesse sentido, fica claro que os afetos quando estão sob o domínio das paixões, são produzidos, sobretudo, por causas e forças externas, de modo que somos causas parciais deles, isto é, causas inadequadas, e, portanto, padecemos. Por conseguinte, nossas ideias são ideias imaginativas, produzidas segundo a ordem das afecções do corpo.

Todavia, na busca da suprema Beatitude, isto é, da verdadeira Felicidade, segundo a concepção de Espinosa; é possível dizer, por essa proposição V, 1, que os afetos são produzidos em nós e por nós, numa produção mental autônoma, de maneira que somos a causa completa deles, isto é, causa adequada, e portanto agimos. Assim, nossas ideias são

9 Cf. *E II*, 18. Para explicitar esta ideia Espinosa no escólio desta proposição utiliza-se de exemplos, a saber: “...um soldado, por exemplo, ao ver os rastros de um cavalo sobre a areia, passará imediatamente do pensamento do cavalo para o pensamento do cavaleiro e, depois, para o pensamento da guerra etc. Já um agricultor passará do pensamento do cavalo para o pensamento do arado, do campo etc.”

10 Cf. *E II*, 7.

adequadas, pois são produzidas segundo a ordem do intelecto.

Como já dissemos outrora, quando estamos sob o domínio das paixões, das causas externas a ordem de produção das ideias segue a ordem comum da Natureza, ordem dos encontros fortuitos entre os corpos. Agora, quando somos causa imanente e adequada de nossos afetos a ordem de produção das ideias segue a ordem necessária da Natureza, porque ela é a “ordem pela qual a mente percebe as coisas por suas causas primeiras”, como escreve Espinosa (*E II*, 18 esc.). A ordem do intelecto, portanto, é capaz de reproduzir a ordem mesma da Natureza tal como ela é, e é por isso que a razão conhece as coisas como elas são.¹¹

Portanto, a proposição V, 1 deixa claro que na ordem do intelecto os afetos que produzimos são adequados, porque se explicam apenas por nossa natureza, isto é, pela atividade autônoma de nossa mente. Assim, contemplar à Beatitude, ou seja, chegar à Felicidade é conseguir produzir internamente os afetos, pois a partir da própria atividade de produção mental estabelecer-se-á outra relação com a exterioridade.

Na proposição V, 2 Espinosa propõe o fim do amor e do ódio (flutuações do ânimo), pois são resultantes de causas externas. Vejamos o que ele diz:

Se separarmos uma emoção do ânimo, ou seja, um afeto, do pensamento de uma causa exterior, e a ligamos a outros pensamentos, então o amor ou ódio para com a causa exterior, bem como as flutuações do ânimo, que provém desses afetos, serão destruídos (*E V*, 2).

Para Espinosa, é preciso conectar o afeto às causas internas de nossos outros pensamentos. Por “outros pensamentos” Espinosa compreende a ideia da causa exterior conectada à outras causas em que a mente adota como princípio e fundamento de ação. Assim, o afeto de amor ou ódio desaparece no momento em que se torna inteligível para nós, ou seja, no momento em

11 Veja o tópico anterior *Razão e afetos*

que conhecemos a sua causa.

A proposição V, 3 faz a gente refletir que o afeto é um problema de conhecimento, quando ele passa de um paixão à uma ideia clara e distinta. Vejamos: “Um afeto que é uma paixão deixa de ser uma paixão assim que formamos dele uma ideia clara e distinta.” (*E V*, 3) Ademais, para Espinosa, o próprio afeto passivo é uma ideia confusa¹², por isso, ele deixa de ser uma paixão no momento em que formamos dele uma ideia clara e distinta, pois não há distinção real, mas apenas de razão, entre o afeto e esta ideia clara e distinta que dele formamos. O afeto passivo, enquanto ideia, é transformado ele mesmo numa outra ideia, isto é, uma ideia que era confusa torna-se clara e distinta.

A proposição V, 4, a saber: “Não há nenhuma afecção do corpo da qual não possamos formar algum conceito claro e distinto” revela que tudo o que acontece no corpo a mente pode formar um conceito claro e distinto baseada na observação de alguns princípios comuns entre os corpos tais como o movimento e o repouso. Por isso, de acordo com Paula (2009, p. 262):

“a mente é ideia de um corpo que compartilha com todos os outros certas coisas comuns pelas quais eles convêm entre si; e formando ideias desses elementos comuns, a mente pode conhecer adequadamente as afecções do seu corpo precisamente porque tais afecções se passam num corpo que compartilha com todos os outros certos elementos comuns, como o movimento e o repouso”.

Com efeito, Espinosa afirmará no escólio de V, 4 o seguinte:

12 Isto pela Definição Geral dos Afetos, oferecida ao final do Apêndice da *E III*: “O afeto que é dito paixão da alma é uma ideia confusa, pela qual a mente afirma de seu corpo, ou de algumas de suas partes, uma força de existir maior ou menor do que antes, ideia que, dada, a própria mente é determinada a pensar isto mais do que aquilo”.

Devemos, pois, nos dedicar, sobretudo, à tarefa de conhecer, tanto quanto possível, clara e distintamente, cada afeto, para que a mente seja, assim, determinada, em virtude do afeto, a pensar aquelas coisas que percebe clara e distintamente e nas quais encontra (plena) satisfação. E para que, enfim, o próprio afeto se desvincule do pensamento da causa exterior e se vincule a pensamentos verdadeiros (E V, 4, esc.)

Fica claro, portanto, que para ele o conhecimento de uma paixão faz com que ela deixe de ser uma paixão, esse conhecimento pode efetivamente conduzir o homem à autêntica vida ética. Assim de acordo com Espinosa pela proposição IV, 61, “o desejo que se origina da razão não pode ser excessivo”, pois ele surge da ação e é essência do homem e; por isso, o conduz a agir de maneira adequada o que convém à sua própria natureza.

Nesse sentido, para Paula (2009) o conhecimento de si mesmo enquanto conhecimento adequado dos próprios afetos resulta, portanto, numa atitude de contentamento ou satisfação, e isso pode regular adequadamente o desejo. Por conseguinte, é possível dizer que o conhecimento adequado é da ordem do necessário, porque conhece as coisas tais como elas são, e não há nenhuma expressão da contingência nesse sentido. Ademais, um afeto que é uma ideia confusa pode ser transformado numa ideia clara e distinta e deixar de ser afeto passivo quando pela ação do pensamento reformado for compreendido na ordem necessária das ideias, isto é, quando for conhecido por suas verdadeiras causas. Por isso, dirá Paula (2009, p. 263): “Conhecer um afeto pela causa é compreender a necessidade de sua própria existência: tendo sido dada tal causa, ele necessariamente foi produzido. Ordem das causas, ordem das ideias.”

Portanto, podemos inferir que Espinosa, até aqui, está fundamentando suas teses na necessidade ontológica das coisas e das próprias paixões. Para ele as coisas e as paixões seguem uma estrutura que pode ser conhecida pelo

intelecto, que tem o poder de transformar paixões (ideias confusas) em ações (ideias adequadas). Logo, podemos dizer que a razão pode transformar ideias confusas em ideias claras e distintas, ou seja, afetos passivos em afetos ativos. Esses afetos resultantes da atividade racional, afirma Espinosa na proposição V, 7, são mais potentes, pois um afeto derivado da razão pode durar mais que uma paixão (quando esta não sofre ação de causas exteriores) porque deriva do conhecimento racional de propriedades comuns das coisas na realidade.

Em síntese é possível dizer que os afetos ativos tornam-se mais fortes que as paixões quando somos capazes de exercer o poder racional frente as manifestações afetivas, pois quanto mais exercemos a razão no conhecimento dos nossos afetos, mais tendemos a não padecer dos afetos passivos, não só porque os afetos da razão são mais potentes do que eles, mas porque, sobretudo, a contrariedade afetiva tende a desaparecer perante o uso mesmo da razão. Por isso, vale ressaltar que quanto mais usamos a razão no conhecimento dos próprios afetos, mais temos o poder de usá-la. Quanto mais compreendemos os afetos, maior é a nossa potência de compreender, isto é, sofremos bem menos a força deles em nós.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Assim sendo, Espinosa crítica a filosofia tradicional que considera afeto e razão como antagonicos e opostos, pois enquanto a tradição ocidental de pensamento coloca o afeto como sinônimo de animalidade do homem e a razão como característica central de ‘humanidade’; ele elabora uma nova ontologia que concebe corpo e mente como sendo constituídos a partir da mesma substância: “*são uma só e mesma coisa expressa de duas maneiras (...)*” (E II, 7 esc.) Não vendo mais o indivíduo como composto de corpo e mente, mas como corpo e mente sendo dois aspectos do indivíduo, ideias e pensamentos afetam e são afetados pelas coisas e pelos corpos, os transformando e sendo por eles transformados; de modo que o homem é animal também em sua razão, assim como seu corpo é propriamente humano. É neste sentido que

Espinosa afirmar: “São as mentes e não os corpos que erram e se enganam” (E II, 35, dem.)

Por isso, Espinosa propõe que conheçamos a natureza contingente, as circunstâncias e nossos afetos nelas, a fim de favorecermos nossos encontros, transformando causas externas em nosso favor, tornando-nos não mais causas parciais, mas causas adequadas de nossas ações;

Por isso, segundo André Martins¹³ (2000) este conhecimento dos afetos, só é possível por uma ontologia que entenda que corpo e mente são aspectos de um mesmo ser, e que este é em relação, inserido no mundo, um modo de ser da substância: a contingência, os afetos, nos atravessa, é o movimento da vida, o tempo, que constitui e é constituído por nosso *conatus*. Para Martins (2000) conhecer nossos afetos é presentificar um conhecimento intuitivo das relações que estabelecemos com e no mundo no qual nos constituímos; é, nele, determinarmos pelo que é comum a ele e a nós – eticamente –, e não pelo que se nos apresenta somente externamente – moralmente.

Espinosa propõe, portanto, um conhecimento que desfaça as ilusões, sendo estas provenientes, sobretudo, da crença em uma razão separada do mundo, de modo a *imaginar* causas para os fatos. Assim, seguindo a perspectiva de Martins (2000), a sabedoria consiste, então, em aceitar o mundo e os afetos, em criar inseridos no mundo, aceitando sua “necessidade”, ao invés de denegá-lo em prol de um mundo imaginário, ou de valores dados como necessários. Em suma, o conhecimento proposto por Espinosa não é apenas um suporte a nos informar coisas válidas, mas é uma ação. O *intuitivo* do conhecimento de terceiro gênero indica esta não separabilidade entre nós próprios e os afetos, a corporeidade, o mundo como único e necessário *aqui e agora*.

¹³ Prof. Adjunto da Faculdade de Medicina da UFRJ, Departamento de Medicina Preventiva e Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva; Doutor em Filosofia pela Université de Nice.

REFERÊNCIAS

ESPINOSA, B. *Ética*. Vários tradutores. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural. 1973a (Col. Os Pensadores).

_____. *Tratado da Reforma da Inteligência*. Trad., introd. e notas de Lívio Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHAUI, M. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999a. v.1, 938p.

_____. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005a (Col. Logos).

_____. *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 356p.

GLEIZER, M. A. *Espinosa & a afetividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 70p (Col. Filosofia passo-a-passo; 53).

MARTINS, A. *Nietzsche, Espinosa, o acaso e os afetos encontros entre o trágico e o conhecimento intuitivo*. In: *O que nos faz pensar*, n. 14. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2000, p. 183-198. Disponível em: http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/nietzsche,_espinosa_o_acaso_e_os_afetos;_encontrar_os_entre_os_tragico_e_o_conhecimento_intuitivo/n14andre.pdf. Acesso em: 17/07/2012

PAULA, M. F. *Alegria e felicidade: a experiência do processo liberador em Espinosa*. 2009. 325p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

REZENDE, C. N. de. *Os perigos da razão segundo Espinosa: uma a inadequação do terceiro modo de perceber no Tratado da Emenda do Intelecto*. Cadernos de História da Filosofia da Ciência., Campinas, Série 3, v. 14, n. 1, p. 59-118. Jan-jun. 2004.

Disponível em: [HTTP://www.cle.unicamp.br/cadernos/14-1.html](http://www.cle.unicamp.br/cadernos/14-1.html). Acesso em: 14 maio 2010.

SÉVÉRAC, P. *Conhecimento e afetividade em Spinoza*. Trad. Homero Santiago. In: MARTINS, A (Orgs.). *O mais potente dos afetos*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 17-36.

SPINOZA, B. *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TEIXEIRA, L. *A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa*. São Paulo: Unesp, 2001.